CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

TEXTOS AUTORAIS DE CRIANÇAS: ALFABETIZAÇÃO PÓS-PANDEMIA EM RONDÔNIA

Jocilene Macedo da Silva Almeida[1]

Marcia Machado de Lima[2]

Alenita Rodrigues da Silva[3]

Eixo temático: 10 Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectivas

Resumo: O presente trabalho aborda a pesquisa em andamento sobre oficinas para a produção de textos autorais por crianças de classe de alfabetização em uma escola de Porto Velho, capital de Rondônia. Os contextos de produção, como também as marcas sociais e os saberes culturais das crianças, moradoras de bairro de periferia. A pesquisa pretende discutir os processos de alfabetização inicial no contexto amazônico rondoniense pós-pandemia, sem perder de vista a problematização do currículo. Os dados da presente etapa são principalmente de pesquisa bibliográfica e da experiência em produção dos roteiros a partir da discussão sobre aprendizado inicial da leitura e da escrita segundo a perspectiva discursiva pautada em Smolka (2017), Goulart (2021) e Cerdas (2022), sem perder de vista o contexto amazônico (LUCIO,2020). O objetivo é compreender e contribuir para o processo de leitura e escrita das crianças no contexto da pós-pandemia, apoiados nas oficinas de produção de texto que considera a voz das crianças. Espera-se que as crianças de periferias urbanas possam ser autoras de seus próprios textos, tendo em vista que são produtoras de saberes e culturas.

Palavras-chave: Educação escolar em contexto amazônico; Atividades curriculares; Práticas de oficinas didáticas; Perspectiva discursiva; Alfabetização

Introdução

[1]Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Escolar, Universidade Federal de Rondônia. Professora de Educação Básica-SEMED/ Porto Velho, Rondônia. Grupo de Pesquisa Educação Escolar em Contexto Amazônico. E-mail: jocilenemacedo@hotmail.com
[2]Docente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Escolar, Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora da Pesquisa Alfabetização Inicial na Escola Básica em Rondônia Pós-Pandemia: Delineamento de problemática, Possibilidades e Desafios (Chamada Universal-FAPERO). Grupo de Pesquisa Educação Escolar em Contexto Amazônico. E-mail: marcia.lima@unir.br
[3]Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação Escolar, Universidade Federal de Rondônia. Professora de Educação Básica-SEMED/ Porto Velho, Rondônia. Grupo de Pesquisa Educação Escolar em Contexto Amazônico. E-mail: alenitarodriguesdasilva@gmail.com

Este estudo possui como objetivo analisar os processos de alfabetização inicial, a partir da produção de textos autorais de crianças de uma escola da periferia de Porto Velho, capital de Rondônia. Assume-se a discussão sobre alfabetização inicial na perspectiva discursiva de Smolka (2017). De acordo com a autora, a alfabetização é caracterizada como aprendizado inicial da leitura e da escrita por um agente portador de cultura e memória, participante ativo e interferente em interlocuções diversas e na construção e reconstrução do mundo. Nesta abordagem, a criança é considerada como sujeito de linguagem que ao mesmo tempo dialoga com seus pares, com os adultos, com a comunidade e tantos/as outros/as, e envolve-se em reflexões muito íntimas, como também produz deslocamentos dentro como fora da escola.

Compreendemos que a alfabetização é objeto de diferentes posições no campo teórico que sempre se apresenta em disputa. No atual momento histórico no Brasil, positivistas se manifestam de modo muito audível porque sua posição está na letra do documento nacional de currículo. Com relação às práticas pedagógicas, pesquisadoras como Cerdas (2022) assevera que a abordagem positivista retoma explicações para o fracasso das crianças que responsabilizam professores e propõe métodos. As condições preconizadas pelas orientações curriculares no município Porto Velho e, em termos nacionais, pelo Plano Nacional de Alfabetização (BRASIL, 2019), estabelecem o método fônico, centrado no sistema alfabético de escrita e na consciência fonológica, que destaca as relações entre fonemas e grafemas e aponta para a existência de uma maturidade cognitiva dos sujeitos, como a principal orientação pedagógica. Concordamos com Cerdas (2022) quando afirma que tais caminhos para alfabetizar desconsideram a história da alfabetização, a língua, os sujeitos.

Considerando a perspectiva discursiva, é necessário promover a interação das crianças, para que elas assumam com grau cada vez maior o seu lugar de coautoras do processo de alfabetização (SMOLKA,2017;CERDAS,2022;GOULART,2021; MORTATTI,2019), em situações nas quais que tenham a oportunidade de falar, pensar, escrever, inventar, e acima de tudo, serem ouvidas. A hipótese da pesquisa é que a perspectiva discursiva, por priorizar a criança como sujeitos de linguagem, diferentemente do método fônico, evidencia-se como fundamentação para uma metodologia de alfabetização capaz de apoiar aos/às alfabetizadores/as em uma posição autêntica e ética para enfrentar, se conservarmos o mesmo termo que ganhou lugar no discurso escolar, mas ressignificando-o, a recomposição das aprendizagens na pós-pandemia.

Então, trata-se de uma pesquisa aplicada em educação escolar em andamento, realizada no âmbito da linha 2 “Currículo, Políticas e Diferenças Culturais na Educação Básica”, que tem como objeto os processos de autoria das crianças de 1º ano.

2- Para iniciar a conversa

A metodologia de pesquisa-intervenção oferecerá elementos para problematizar o modo como o currículo preconiza a alfabetização a partir do chão da sala de aula, desde a prática pedagógica. Se fará a experimentação pedagógica em oficinas de produção escrita na perspectiva discursiva e também o levantamento das condições sociais das crianças participantes.

Quando se menciona as oficinas, se trata de práticas didáticas desenvolvidas diretamente em sala de 1º ano, em escola pública da periferia de Porto Velho, Rondônia. Ainda estão no seu início - já que a pesquisa se encontra em andamento – e houve um convite às crianças: produzir um site com as histórias de sua autoria cujo espaço-tempo de composição serão as oficinas.

Dessa forma, serão propostas 10 oficinas com duração de 2 horas, cada uma, com temas diferentes, que favorecerão momentos de interação e conversa, a partir de perguntas sobre o bairro em que moram; possibilitando a escuta; a fala das crianças; e a participação delas, considerando as relações de ensino e as condições do dizer de cada criança (SMOLKA, 2017).

A partir dos diálogos das crianças, será proposto a produção de desenhos e escrita sobre o bairro em que moram e o que gostam de fazer neste local. A partir daí, a professora fará análise da escrita e leitura, solicitando que cada criança leia o que escreveu. Desse modo, respeitar-se-á a voz do aluno, pois são suas histórias e reflexões sobre o mundo o qual está inserido, e permite que as crianças pensem sobre seu próprio processo de escrita. (MACEDO; OLIVEIRA, 2019).

Há relevância em dizer a sua palavra e trocar experiências para todos os sujeitos de linguagem e cultura. É nesta perspectiva que as oficinas com crianças incluem a possibilidade de trocar experiências com aquelas de outros lugares através do site. Os temas e motivos da escrita vem da vida comum em bairro periférico na cidade de Porto Velho, em plena Amazônia, do modo como as crianças os mobilizam. Então, a vida social das crianças vai sendo mobilizada na experimentação pedagógica porque escrever é contar um pouco da leitura do mundo que fazem.

3- Vozes da infância periférica

O diálogo com e entre as crianças articula-se com dimensão mais abrangente aos olhos da pesquisadora. Fazer um levantamento sobre as condições sociais e enfrentamentos das crianças das turmas de alfabetização na periferia permite conhecer de fato o contexto. Cabe rememorar que nos tempos iniciais da pandemia de COVID19 na escola amazônica rondoniense, como planetariamente, sofreu o impacto do não funcionamento das escolas, uso das tecnologias, isolamento social, medo, insegurança, a incapacidade de manter a desigualdade no seu lugar nebuloso, a proeminência das vulnerabilidades em níveis mais intensos e de um currículo re-delineado, embora mantendo a abordagem prescritiva, com base em uma suposição de aprendizagens que as crianças teriam que priorizar. Para lidar com as situações se colocaram para todos e todas pela pandemia, a regulação dos processos foi bastante frágil, por mais que se reconheça o empenho de professores/as e escolas. Não desconsiderar que o ensino remoto, por força do distanciamento social e preservação da vida, foi descontextualizado e não abordou as crianças como sujeito de linguagem torna-se necessário. Concordamos com Cerdas (2022) e Dias; Smolka (2021) que, dessa forma, de modo preocupantemente generalizado, as crianças não foram ouvidas, como também as suas condições sociais se apresentaram como algo que a escola nem sempre conhecia.

Levar em conta o aprendizado recente sobre o impacto do auge do momento pandêmico, considerar o contexto cultural e social quando se pensa e se produz textos autorais com as crianças, se torna relevante. Neste ponto, incorporam-se discussões vindas da sociologia da infância. As contribuições deste campo questionam posições que, por muito tempo, levaram a ignorar a criança e a tratá-la como não-falante, tanto pela sociedade em geral, como pela família e pela escola. Na década de 90, a infância foi alvo de estudos que produziram outros pressupostos, embora ainda seja considerada pelos adultos como um paradoxo (SARMENTO, 2011).

Sirota (2005) evidencia a proposição de estudos etnográficos que visassem a criança e suas relações sociais, e não mais simplesmente o seu papel de aluno enquanto ator social. É a criança que passa a ser vista (SIROTA, 2005). As discussões nos anos 90 pela sociologia da infância são levadas em conta na proposição das oficinas de escrita de autoria e, do ponto de vista metodológico, intensificam e geram uma articulação produtiva as oficinas com base na perspectiva discursiva.

Por isso, este estudo, além de abordagem da criança como autora, falar e escrever de suas experiências abrirá a pesquisa para a liberdade para que digam a sua palavra (FREIRE, 1987).

Pretende-se que escrevam e leiam suas próprias escritas e, ainda, as ofereçam para os outros lerem, favorecendo a enunciação de sua própria voz (LUCIO, 2018). Em última instância, as crianças periféricas compõem as muitas vozes amazônicas, silenciadas. A pesquisa permite, então, a melhor contextualização do universo infantil na Amazônia, porque as crianças participantes – como também a pesquisadora e o grupo de pesquisa no qual se insere – são amazônidas.

Ao mesmo tempo, a experimentação pedagógica com a discursividade segundo Smolka (2017), Goulart (2019), Girotto (2016) no âmbito do mestrado profissional em educação escolar, vai problematizar o currículo.

4 Problematizar o currículo com as crianças

Em um pequeno manual de educação, Paulo Freire em diálogo com Adriano Nogueira (2013) vão deixando aparecer na conversa entre eles alguns pontos que não se pode perder para experiências educadoras com grupos populares. A conversa vem ao encontro da pergunta sobre a provocação dos currículos pela prática pedagógica porque na pesquisa em andamento que este texto aborda, quando as crianças são integrantes de grupos periféricos. Será interessante alinhar tais pontos.

Freire e Nogueira (2013, p.33) admitem o conhecimento popular enquanto tal e vão desenvolvendo uma metodologia de ensinar aos grupos que, pela ótica desta pesquisa, poderiam ser identificados como periféricos. Os autores têm como ponto de partida cenas e assuntos produzidos nas – nas articulações - das relações sociais, da comunidade, que vão constituindo esses modos de conhecer. Ao movimento dos agentes sociais – crianças e adultos – Paulo Freire e Adriano Nogueira chamam de práticas políticas.

> O conhecimento do mundo é também feito através das práticas do mundo; e é através dessas práticas que inventamos uma educação familiar às classes populares. Estamos admitindo um modo de conhecimento que é peculiar a elas. (FREIRE;NOGUEIRA, p.34).

Com relação à autoria das crianças no contexto da alfabetização, na perspectiva discursiva, entendemos que está centrada diálogo e se constitui pelos sujeitos e considera a

cultura vivida pelos alunos, no processo de alfabetização, em que a escrita que promovemos se engaja. Lucio (2019) considera a linguagem como manifestação das relações sociais pela qual o sujeito é constituído, na mesma linha de prática política em Freire e Nogueira (2013). Nesta lógica, compreende-se que o projeto de ensino/projeto de pesquisa, como indica Lucio, precisa estar centrado no texto-vida, ou seja, nas questões do vivido, dos acontecimentos, para com eles construir caminhos para a compreensão da própria vida.

A alfabetização proposta por Lucio permite aos alunos produzirem suas autorias e valorizar as vozes das crianças, dar autonomia para que elas possam escrever e ler para si e para outros.

Temos que as crianças da turma participante, parte da comunidade e dos grupos onde estão inseridas, são dialogantes que mobilizam seus saberes nas conversas dentro da escola. Contemplar esses saberes nos espaços das oficinas de produção autoral, do ponto de vista da discursividade pode ter a chance de compor nossos esforços para problematizar o currículo. Dito de outro modo: reinventar a experiência educadora.

Como foi dito antes, houve um convite para as crianças para compor um site. Aqui também há uma provocação ao currículo prescrito, quando pensamos com Inês Barbosa Oliveira (2007). Nesta perspectiva, permite um deslizar por espacialidades entre o conhecimento popular e o chão da escola através do ensinar – tratado pela autora como fazeres pedagógicos (OLIVEIRA, 2013, p.10). Ela define:

> [...] currículo [...] é [...] não apenas [...] uma lista de conteúdos a serem ministrados a um determinado grupo de sujeitos, mas como criação cotidiana daqueles que fazem as escolas e como práticas que envolvem todos os saberes e processos interativos do trabalho pedagógico realizado por alunos e professores. [...]Ampliação da noção de [currículo] para fora das práticas escolares, incorporando a ideia de que a vida cotidiana tem seus próprios currículos, expressos nos processos sociais de aprendizagem que permeiam todo o nosso estar no mundo e que nos constituem.(OLIVEIRA,2007,p.9).

O deslizar proposto por Oliveira (2007) entre práticas cotidianas vividas na comunidade e no interior dos grupos sociais e o currículo, possibilita que se problematize o currículo, para nós a própria experiência educadora, que se quer produzir. Alternativas curriculares, para tomar de empréstimo o título da obra de Oliveira na qual ela apresenta e discute com vários interlocutores programas implementados dentro e fora da escola, vem exatamente da possibilidade de compor com as crianças.

Para nós muito há de proximidade com as possibilidades que Freire e Nogueira propuseram. Há uma relação entre educação e transformação da sociedade, que precisa acompanhar as aprendizagens escolares. Descrever as cenas cotidianas que mobilizem o conhecimento de mundo, ou seja, a educação popular pode se tornar uma chance de refletir sobre as relações e o lugar onde habitamos, no nosso caso, a Amazônia

5 Considerações Finais

Diante do exposto, acreditamos que a alfabetização não se limita à codificação e à decodificação de códigos, ou ainda pautada em um método de leitura e escrita que separe o sujeito da linguagem, como o proposto pela PNA (BRASIL,2019). Todavia, é um processo complexo que deve promover o ensino-aprendizagem inicial da leitura e da escrita, com o propósito de conhecer a própria cultura e a própria língua e suas manifestações discursivas, que incluem práticas sociais de uso da leitura e escrita. Considera a linguagem, a cultura e o

sujeito que aprende. Dessa forma, esta pesquisa favorecerá a autoria das crianças, considerando a voz e fala, participação e produção de textos próprios delas, de modo a desenvolver o processo de leitura e escrita pelos quais estão cercados. Com isso, os resultados parciais envolverão a produção de um site de textos autorais das crianças.

Referências

CERDAS, Luciene. **Alfabetizar é mais que ensinar um código: discurso e autoria no ensino da língua.** Educação e Pesquisa. 2022, v. 48. Disponível em https://www.scielo.br/j/ep/a/Bmn5MC93tnDQKnPWwZ8Dg3k/?lang=pt#. Acesso em 15 de jan. 2023.

DIAS, Pampanini & SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **Das (im)possibilidades de se alfabetizar e investigar em condições de isolamento social**. Revista Brasileira de Alfabetização. n. 14, p. 228-244, 4 jul. 2021. https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/495. Acesso em 10 de jan. 2023.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer?** 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOULART, Cecilia Maria Aldigueri. **Alfabetização em perspectiva discursiva. a realidade discursiva da sala de aula como eixo do processo de ensino-aprendizagem da escrita**. Revista Brasileira de Alfabetização, v. 1, n. 9, 24 mar. 2020. Disponível em https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/334. Acesso em 10 de Jan. 2023

GOULART, Cecilia Maria Aldigueri; GONÇALVES, Adair Vieira. **Alfabetização: linguagem e vida - uma perspectiva discursiva**. Revista Brasileira de Alfabetização, (14), 48-61, 2021. Disponível em https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/527. Acesso em 05 de jan. de 2023

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões**. Celebrando possibilidades leitoras: as crianças necessitam, podem e apreciam ler já desde a pequena infância**. Revista Brasileira de Alfabetização, v. 1, n. 4, 31 jul. 2016. Disponível em https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/178 acesso em 10 de jan. de 2023.

LUCIO, Elizabeth Orofino. **Transvendo a docência na alfabetização das águas**. Revista Brasileira de Alfabetização, v.1, n.9, 24 mar. 2020. Disponível em https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/338. Acesso em 10 de jan. 2023.

LUCIO, Elizabeth Orofino. **A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita**. 116f.tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. disponível em https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoconclusao/viewtrabalhoconclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3569311. Acesso em 05 de mar. 2023.

MACEDO, Mônica Ramos da Costa; OLIVEIRA, Sabrina Guedes de. **Discursividade e alfabetização: 30 anos dialogando com Ana Luiza Smolka**. Educação, Psicologia e Interfaces, Volume 3, Número 3, p. 28-42, Janeiro/Abril,2019. Disponível em

https://educacaoepsicologia.emnuvens.com.br/edupsi/article/view/1. Acesso em 20 de mar. 2023.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo/1876-1994) São Paulo: Editora UNESP: CONPED,2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Métodos de alfabetização no brasil: uma história concisa** [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2019, 175 p.

OLIVEIRA, Inês Barbosa**. As Artes do Currículo. In: _____. (org) Alternativas Emancipatórias em Currículo**. 2.Ed.São Paulo: Cortez,2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **O estudo de caso etnográfico em educação.** In: N. ZAGO; M. INTO DE CARVALHO; R. A. T. VILELA (org.) itinerários de pesquisa - perspectivas qualitativas em sociologia da educação 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina,2011.

SIROTA, Régine. **Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar**. Revista Éducation et Societés, n.2, p.9-33, 1998. Disponível em https://www.scielo.br/j/cp/a/X8n4RcnLnhdybsVSwNG5Twv/#. Acesso em 10 de fev. 2023

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. [livro eletrônico] São Paulo: Cortez,2017.